

Humor é coisa séria: crítica bufônica da religião na série “Deus segundo Laerte”

Humour is a serious thing: buffoonish criticism of religion in the series “God according to Laerte”

Breno Martins Campos¹
Ceci Maria Costa Baptista Mariani²

RESUMO

Considerando as tirinhas e as charges de Laerte Coutinho sobre Deus como nossas fontes primárias de artesanato intelectual, bem como outros autores que compõem este artigo na condição de fontes bibliográficas (secundárias) e de comentadores da temática principal, a sustentar nossas reflexões e proposições, o objetivo geral deste artigo é demonstrar que o humor é de importância decisiva na vida social e subjetiva, e, portanto, tem de ser levado a sério também pela religião, pela teologia e pelas ciências da religião – opinião proposta muitas vezes pelo Papa Francisco, que também se apresenta como uma das principais referências deste artigo. Como objetivos específicos (ou secundários), propomos: (1) a crítica da religião como uma forma de espiritualidade; (2) o riso como crítica da religião e, portanto, como uma forma de teologia da compaixão; e (3) o lugar de Deus, da religião e do humor em tempos sombrios – como os de nossa existência.

Palavras-chave: religião; humor; Deus; Laerte Coutinho; Papa Francisco.

ABSTRACT

Considering Laerte Coutinho's comic strips as primary source of intellectual artisanship for supporting our reflections and propositions, as well as other authors that compose this article in the condition of bibliographical reference (secondary) and commentary to the main theme, the general objective of this work is to demonstrate that humor is of decisive importance in subjective and social life and, therefore, it has to be taken seriously also by religion, theology and religious studies – an opinion also shared by Pope Francis, who also is presented as one of the major references for this article. As specific objectives (or secondary), we propose: (1) the critique of religion as a form of spirituality; (2) the laughter as a critique of religion and, therefore, as a form of theology of compassion; and (3) the place of God, religion and humor in dark times – such as those of our existence.

Keywords: Religion; Humor; God; Laerte Coutinho; Pope Francis.

Introdução

Logo depois da morte do Papa Francisco³, Ruy Castro (2025) escreveu uma coluna

¹ Membro do Corpo Docente Permanente do PPG em Ciências Sociais e professor da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-Campinas

² Doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP, professora no PPG em Ciências da Religião da PUC-Campinas, editora da Revista Reflexão. Bolsista Produtividade em Pesquisa 2 - PQ 309696/2023-2.

³ Este artigo foi gestado e escrito antes da morte do Papa Francisco, que se deu aos 21 de abril de 2025. Todavia, não evitamos a menção de alguns elementos da vida de Francisco e de seu legado *post mortem* que possam acrescentar aspectos qualitativos a nosso texto e argumentos. Noutros termos, seguindo critérios teológicos e sociológicos – assim como com base em nossas esperanças, que não são, necessariamente, categorias

de opinião (Folha de S. Paulo/UOL) para exaltar o bom humor de Francisco. A argumentação do jornalista é muito instigante, e podemos dividi-la, de modo mais ou menos arbitrário ou interessado, nos seguintes termos: (i) para Francisco, o humor é certificado de sanidade; (ii) o Papa sempre rezava pedindo senso de humor, a fim de ver “o lado ridículo das coisas e [também] o não ridículo, para aprender que a vida sempre tem algo para se sorrir”; (iii) segundo Francisco, o senso de humor humaniza; (iv) aconselha, ainda, o Pontífice: “olhe-se no espelho e ria de si mesmo”; e, por fim, (v) Francisco tinha consciência de que suas opiniões nem sempre eram muito dogmáticas⁴.

Do exposto, Ruy Castro (2025) chega a uma conclusão político-teológica (irretocável, a nosso ver): “Assim como Milei, também Trump e Bolsonaro nunca acharam graça em Francisco. Ele os irritava, porque enxergava neles o não ridículo – o insano, o desumano, o não cristão”. Em sua coluna – intitulada “O bom humor de Francisco” –, Ruy Castro resgata a *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate* (sobre a chamada à santidade no mundo atual), do Papa Francisco, e menciona de forma explícita a nota 101, na qual se encontra transcrita uma oração atribuída a São Thomas More (a quem Francisco rezou por 40 anos ininterruptos, justamente a pedir senso de humor):

[101] Recomendo a reza desta oração atribuída a São Tomás Moro: “Dai-me, Senhor, uma boa digestão e também qualquer coisa para digerir. Dai-me a saúde do corpo, com o bom humor necessário para a conservar. Dai-me, Senhor, uma alma santa que saiba aproveitar o que é bom e puro, e não se assuste à vista do pecado, mas encontre a forma de colocar as coisas de novo em ordem. Dai-me uma alma que não conheça o tédio, as murmurações, os suspiros e os lamentos, e não permitais que sofra excessivamente por essa realidade tão dominadora que se chama “eu”. Dai-me, Senhor, o sentido do humor. Dai-me a graça de entender os gracejos, para que conheça na vida um pouco de alegria e possa comunicá-la aos outros. Assim seja” (Francisco, 2018b).

Além de Ruy Castro, por certo, foram muitos os autores que, em poucos dias (da morte do Papa a seu sepultamento), trataram de publicar a respeito do bom humor de Francisco, e de sua constante busca por um efetivo senso de humor. Entretanto, não teríamos, aqui, como acompanhar todos os textos – e muito menos os memes – produzidos sobre o assunto. A coluna de Ruy Castro é típico-exemplar da mensagem que queremos indicar na abertura deste artigo, e nos basta.

Quanto ao Papa Francisco, de nossa parte, lembramos que, no dia 14 de junho de 2024, ele recebeu no Vaticano mais de 100 atores e humoristas do mundo todo, aos quais afirmou: “Vocês também podem rir de Deus, é claro, e isso não é blasfêmia [...]. Isso pode

acadêmicas –, entendemos que, mesmo morto, o Papa Francisco *ainda fala*, e que sua influência será duradoura (quicá, perene) para a Igreja e para o mundo.

⁴ Os argumentos de Ruy Castro (2025) estão baseados numa “entrevista de Francisco à repórter Bernarda Llorente, da agência argentina de notícias Télam. A Télam foi fechada em 2024 por Javier Milei, mas o vídeo está disponível no app da TV Brasil”. Além disso, a quem tiver interesse, acrescentamos a informação de que a entrevista também está disponível no Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=JeuQ5ezDuFw&list=PLq_o4ZSLBexQm8RUFj0O6mZR-iHt_A5iu. Acesso em: 24 abr. 2025.

ser feito sem ofender os sentimentos religiosos dos crentes” (Em encontro..., 2024⁵). Na sequência, o Pontífice viajou ao sul da Itália, a fim de participar da cúpula do G7, e sua audiência reuniu comediantes de 15 países, incluindo Argentina, Alemanha e Timor Leste, aos quais Francisco declarou que “os comediantes têm o ‘poder de espalhar serenidade e sorrisos’ em um mundo onde as pessoas estão imersas em ‘muitas emergências sociais e pessoais’ [...]. ‘Vocês unem as pessoas porque o riso é contagioso’” (Em encontro..., 2024).

Em consequência, apreendemos, até aqui, pelo menos, duas potencialidades do humor: a de unir as pessoas (por contágio) e a de dizer a verdade ao poder e aos poderosos de plantão. Ao anunciar a nudez do rei, o bufão faz com que todos riam de si mesmos (pelo ridículo da situação) e, ao mesmo tempo, de um governante exposto ao vexame – por se levar a sério demais.

Na sequência, oferecemos uma necessária tomada de posição quanto a nosso lugar de fala. Na condição de pesquisadores, porque estamos inseridos na “Área 44 – Ciências da Religião e Teologia” da CAPES, a interdisciplinaridade não é somente uma possibilidade, entre outras possíveis, antes, trata-se de uma imposição metodológica (para a qual, inclusive, temos muito boa disposição):

A interdisciplinaridade é uma característica constitutiva da área de Ciências da Religião e Teologia. A própria área de avaliação é composta por duas disciplinas distintas. Porém, além disso, cada uma dessas duas disciplinas se constitui como campo em que o diálogo com outras disciplinas e áreas de conhecimento é imprescindível ao seu desenvolvimento teórico-metodológico (Capes, 2019, p. 7).

Ainda no tocante a nosso lugar de fala, porque somos membros do “Grupo de Pesquisa: Religião, linguagem e cultura (RELINC)” (CNPq/PUC-Campinas), praticamos uma investigação das religiões e das religiosidades que se localizam nas margens, nas fronteiras, nas brechas ou nas franjas do social, com destaque para as manifestações do religioso na cultura popular, na imaginação mitopoética, nas experiências corpóreas viscerais, nas inversões burlescas do discurso e na cena público-política. Essa epistemologia permite que compreendamos o fenômeno religioso e as expressões religiosas de perfil alternativo como espaço de articulação de corporeidade e de reencantamento pelo cômico e pelo humor – e também por outras formas, que não serão abordadas aqui.

A religião e a religiosidade às margens permitem a análise de como os sujeitos e as comunidades se inserem no mundo e na cena público-política de forma criativa, imaginativa, crítica e contra-hegemônica. Por tudo isso, já faz algum tempo que nosso percurso autoral tem dado atenção à relação entre religião e humor (ou vice-versa). Nunca no sentido de blasfêmia, conforme a admoestação do Papa Francisco, mas, antes, com o objetivo de abordar o Mistério de uma maneira que a teologia dogmática talvez não consiga atingir, uma vez que seus pressupostos e desdobramentos são outros. Estabelecidos alguns dos principais pressupostos teóricos (epistemológicos) e empíricos deste artigo, podemos, então, anunciar as três seções – ou objetivos específicos – que compõem a discussão e nossa articulação dentro dela.

⁵ “Em encontro” com humoristas, papa diz que fazer piada com Deus não é blasfêmia: entre os artistas que visitaram o pontífice estavam Jimmy Fallon, Whoopi Goldberg e o brasileiro Fabio Porchat. **Folha de S. Paulo**, 14 jun. 2024.

A religião pode legitimar a ordem social vigente, promovendo o entendimento de que as instituições humanas manifestam a ordem divina do cosmo, conferindo estabilidade às instituições sociais e dando a elas caráter de inevitabilidade. Para Peter Berger (2017), a religião que, ao longo da história, foi (e ainda é) uma força de manutenção do mundo, em contrapartida, foi (como ainda é) uma força de transformação e atuação em prol da desalienação. A religião, que confere imortalidade às formações humanas em alguns casos, em contrapartida, também chega a levar à consciência o caráter de sua relatividade. Isso significa que a religião tem o poder de denunciar a falsa consciência.

Refletindo sobre sua própria teologia, Rubem Alves (1989), por exemplo, já havia convidado os teólogos a andarem em companhia dos bufões e das crianças, uma vez que o riso despedaça os ídolos e liberta a pessoa para o encontro com Deus – aquele mesmo que, ao criar o mundo, viu que tudo era bom.

Com base nessas referências, este artigo tem como um de seus objetivos apontar a crítica da religião na obra *Deus segundo Laerte*, da cartunista Laerte Coutinho, que brinca com uma possível imagem de Deus constituída segundo uma expectativa de intervenção espetacular do Todo-poderoso, apresentando-a em contraponto. Compadecido, Deus se coloca ao lado do humano no enfrentamento dos desafios da vida. Por meio da aproximação teopoética a uma seleção de tiras que compõem o *corpus* laertiano, objetivamos demonstrar que o humor crítico de Laerte é também revelador de uma espiritualidade da compaixão – ainda que a própria autora-artista não concorde conosco, pois se trata de como recebemos a obra dela.

Na sequência, este artigo responde teologicamente a um interesse que nutrimos – e desenvolvemos – já há algum tempo, qual seja, toda a atenção possível dada às tirinhas que Laerte dedica a Deus (como tema e protagonista de suas estórias). Publicadas periodicamente em veículos de imprensa, num segundo momento, as *divinas tirinhas* foram agrupadas em três livros que saíram pela Editora Olho d’Água⁶: *Deus segundo Laerte* (2000), *Deus 2: a graça continua* (2002) e *Deus 3: a missão* (2003).

De dentro da própria obra de Laerte, antes de tudo, apropriamo-nos de uma mediação hermenêutica que se apresenta em *Os Palhaços Mudos* (2023 [original de 1987]): a estória dos bufões que zombam dos homens sérios e poderosos. São palhaços, que sem dizer nenhuma palavra, criticam a ordem vigente. De fora da obra de arte gráfica laertiana, baseamo-nos, nesta seção, em Harvey Cox (1974), para quem a teologia do folião (*jester*) – aquela que consegue enxergar o arlequim que há no Cristo – propõe que se façam novas todas as coisas.

Portanto, por meio de uma teologia que se pretende aberta à linguagem cômica, podemos nos aproximar de tirinhas de Laerte, que caminham na contramão da doutrina clássica da revelação, pois vão, de forma assumida, do ser humano ao divino (e não vice-versa), extraídas do segundo volume da trilogia “Deus segundo Laerte” (que tematiza a criação, a personificação do mal, a oração, o juízo final, além de trazer um divertido diálogo inter-religioso com o budismo). As tiras escolhidas para esta comunicação provocam riso porque desconstroem nossas explicações sobre o modo de ação de Deus e nossa tentação de

⁶ Dada a reconhecida importância da série (das tirinhas de Laerte sobre Deus), a “Tábula Editora” vai relançar em julho de 2025 os três volumes agrupados em um só, cuja pré-venda, inclusive, já está disponível.

manipular a religião – que não deixam de ser a tentação primordial de “sermos como Deus”, conforme o relato da criação no livro de Gênesis.

Por fim, este artigo representa um passo a mais dedicado às tentativas de compreendermos as tirinhas de Laerte dedicadas a Deus. Aqui, chegou a vez de nossa atenção se voltar ao terceiro volume: *Deus 3: a missão*, no qual Deus é convocado para ir à guerra, e se mete em muitas confusões, como qualquer ser humano pego de surpresa, e sem querer participar da carnificina. Fato é que o próprio Deus morre – de outro modo, retorna a nós o velho tema da *morte de Deus* – e a humanidade passa a lidar com um período de império do Diabo. Onde Deus está em tempos sombrios e de crise? É a pergunta inquietante levantada por Laerte, que orienta nossa reflexão sobre a relação entre religião e humor – como uma crítica satírica da contemporaneidade e inspiração para o cultivo da esperança e da compaixão.

1. O Deus de Laerte: uma obra teopoética⁷

Reunindo tiras posteriores a 2006 – período em que Laerte busca dar um novo rumo a seu trabalho, abandonando certas personagens e uma engenharia própria do roteiro de humor que orientou seu trabalho até então –, a obra *Manual do Minotauro* traz, em destaque, uma tira de abertura que diz muito sobre ela e sobre o que ela nos oferece com seu trabalho. Em entrevista a Lília Schwarcz⁸, Laerte explica sua identificação com a figura mítica do Minotauro, pois, para ela, o Minotauro, habitante do labirinto, tem a ver com a experiência de alguém estar perdido em sua própria casa. Na verdade, o Minotauro está tão perdido quanto as pessoas que o perseguem – por certo, para o matar.

Desde que decidiu dar nova forma a seu trabalho, Laerte se identifica com o Minotauro, habitante do labirinto da vida, sem as certezas em que se apoiava em tempos pretéritos. Entretanto, nas tiras laertianas, o Minotauro, diferentemente do ser da mitologia clássica, que é uma figura trágica, foi inspirado no contato que ela teve com um boi dócil, que conheceu em Gonçalves, no interior das Minas Gerais. O Minotauro de suas tiras é um monstro que guarda suas especificidades, “num registro mais solto, mais cotidiano, como se isso fosse o nosso normal”⁹.

Ainda assim, contra toda expectativa, a tira de abertura do *Manual do Minotauro* traz outra figura mítica, uma esfinge. Ao longo da história, a esfinge tem sido interpretada como símbolo da pergunta sobre o enigma crucial do que é o humano. No conhecido mito de Édipo ela propõe: qual é o animal que de manhã anda com quatro pés, à tarde com dois e à noite com três? Na tira de Laerte, diante da esfinge se encontra uma mulher, que está a dizer: “Desisto, não consigo decifrar”.

⁷ “A teologia deseja ser ciência, um discurso sem interstícios. / Ela deseja ter os seus pássaros em gaiolas. / Ao invés disto, *Teo-poética*, / gaiolas vazias, / palavras que nascem do vazio, que se dizem perante o vazio, o mar profundo (nossos olhos olham para cima esperando a luz que se fratura através das águas inquietas...), bosques fundos (se tivermos paciência poderemos ouvir o canto do pássaro encantado que mora lá e que, no entanto, jamais foi visto por qualquer pessoa... catedral silenciosa onde nossos pensamentos ficam leves e saltam abismos...)” (Alves, 1991/1992, p. 94).

⁸ “Bate-papo sobre o livro ‘Manual do Minotauro’, com Laerte e Lília Schwarcz”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kK_2Q507IUc. Acesso em: 6 maio 2025.

⁹ Cf. a entrevista citada acima, a partir do terceiro minuto.



Fonte: Laerte, 2021, p. 9.

Diante da recusa da mulher em face do mistério enigmático, a esfinge esclarece: “Não é enigma. É um poema” (2021, p. 9). Entendemos que Laerte – uma *Minotaura*, habitante do labirinto que é a vida – deseja que recebamos suas tiras não como enigmas a decifrar (para não sermos devorados), mas como poemas.

Portanto, em respeito ao estilo poético da cartunista e quadrinista Laerte, temos usado em nossa recepção de sua obra a abordagem teopoética como metodologia, com o objetivo de apontar, especialmente nas tiras dedicadas a Deus, a espiritualidade que contém uma bem-humorada crítica da religião, ao mesmo tempo em que aponta a imagem de um Deus amoroso, que traduz de forma original o mistério da encarnação. Como propõe Marcio Capelli (2025, p. 45), nossa intenção é a de roçar o Mistério – de tal modo que o esquecido talvez possa ser trazido à luz:

O teorema explica
O mito religa
O poema roça
O ritmo misterioso
Do ser esquecido

Como já deixamos claro, em respeito ao estilo poético da arte de Laerte, optamos por uma abordagem teopoética, conceito utilizado desde os anos 1970, para as análises e compreensões próprias neste artigo e em outras de nossas produções, a fim de dar expressão ao esforço de resgatar a imaginação poética no âmbito da teologia.

Recuperando as origens do termo-conceito (teopoética), a inaugurar um novo campo de investigação, Cappelli (2019, p. 93) lembra que Stanley Romaine Hopper, em crítica ao predomínio das formas teológicas conceituais tradicionais, que praticam o reducionismo do simbólico e do mistério, propõe um resgate da imaginação poética. Para Hopper, afirma Cappelli (2019, p. 93), a teologia “deveria ser ‘não teo-lógica, mas teo-poiesis’”. Embora a teopoética se refira, na maioria das pesquisas, ao diálogo entre teologia e literatura, é preciso ter em mente que a palavra *poiesis* carrega um sentido mais amplo, e significa criação, produção, especialmente no amplo contexto da obra de arte.

Nas tiras laertianas sobre Deus, encontramos uma sensibilidade religiosa que corresponde a uma nova noção de revelação, sistematizada ao longo do século XX – e que passa, inclusive, pela discussão da revelação do lado de fora das instituições eclesiais e de suas doutrinas. O Mistério pode se revelar como lhe apraz, independentemente do que é ditado pelas autoridades instituídas. Por isso mesmo é que podemos detectar uma *teo-poiesis*, que é criação poética bem-humorada sobre a relação do humano com Deus. A trilogia de Laerte sobre Deus, especificamente o volume 3, constitui-se numa narrativa visual sobre a

presença de Deus entre nós, misteriosamente encarnado neste mundo, especialmente em tempos de crise, como a provocada pelas guerras (mas não somente por elas). Colocamo-nos, em vista disto, diante das obras laertianas, portanto, em escuta *da teo-poesis* que a narrativa contém.

2. Crítica da religião e espiritualidade da compaixão¹⁰

Trazemos à memória e ao debate nosso artigo “Peter Berger e Rubem Alves: religião como construção social entre a manutenção do mundo e a libertação” (Campos; Mariani, 2015), no qual o estatuto da religião está colocado como importante fator de conservação do mundo social ou, em contrapartida, como crítica e transformação da realidade. Há cerca de 10 anos, portanto, estamos convencidos – sem nenhuma espécie de fanatismo – que qualquer projeto de investigação a respeito dos encontros epistemológicos de Peter Berger com Rubem Alves, tanto por caminhos da sociologia como por trilhas da teologia, deve levar em consideração a opinião que eles têm do riso e do humor.

Como a teologia (em diálogo com as ciências da religião) é referência para nós neste artigo, entendemos que ela (a teologia), sem deixar de ser ciência (*lato sensu*), é sabedoria – e que também se expressa na poesia e em variegadas formas de arte. Trata-se, portanto, de um saber que tem abertura, digamos, quase espontânea, para o humor. Teologia e humor combinam, por assim dizer.

A fim de encontrarmos apoio para afirmação tão provocativa (para além daquela sustentada por Peter Berger e Rubem Alves), valemo-nos, uma vez mais, do Papa Francisco (2018b, n. 126), que propõe a alegria e o sentido do humor como características da santidade no mundo atual: “O mal humor não é um sinal de santidade”.

Como já deixamos claro na introdução deste artigo, outra intuição que acalentamos (também há bastante algum tempo) está relacionada à importância de nos dedicarmos teologicamente a uma crítica da religião – que, ao mesmo tempo, proponha uma espiritualidade da compaixão – nas tirinhas que a cartunista Laerte dedica a Deus, sua vida e obra.

O que Laerte faz é um santo humor. Livra-nos daquela imagem de um Deus carrancudo, mal humorado, provedor do inferno, para nos aproximar da imagem evangélica que Jesus nos passa: Deus é amor, mais íntimo a nós do que nós a nós mesmos, como dizia Santo Agostinho. Portanto, se brincamos com tudo o que nos é íntimo, por que excluir Deus de nosso bom humor e carinho? (Frei Betto, 2000, p. 5).

Aqui, entendemos haver alcançado o duplo propósito de nos dedicarmos a alguns textos (com acento mais teológico) de Peter Berger e Rubem Alves sobre o humor e de compreensão da dimensão cômica de Deus em Laerte. De acordo com nossa mediação e até mesmo orquestração, Peter Berger e Rubem Alves nos iluminam na interpretação das tiras de Laerte, e a artista nos ajuda a reler com amplitude maior as obras dos dois autores, ambos teóricos da religião. Devemos, ainda, explicitar que Andrés Torres Queiruga (1995;

¹⁰ Modificada para este artigo, esta seção foi primeiramente apresentada no 35º Congresso da SOTER, em Belo Horizonte, em julho de 2023 – e, depois, publicada nos anais daquele evento (Campos; Mariani, 2023b).

2001) – quanto à teologia da revelação – ocupa lugar de interlocução privilegiada em nossa interpretação da arte laertiana.

2.1 A humana teologia de Rubem Alves e Peter Berger

Em edição comemorativa da publicação do livro *Dogmatismo e tolerância*, 20 anos depois da primeira edição, Rubem Alves acrescentou um prefácio e uma estória (“Os pássaros e os urubus: uma parábola herética de um bufão sobre a intolerância religiosa”). Segundo a estória do autor, muitos e muitos milênios atrás, “Deus, que tem um espírito brincalhão de criança (e não foi por isso que ele nasceu criança?), pensou que seria muito aborrecido passar o resto da eternidade nessa monotonia [vivida no céu]” (Alves, 2023, p. 13). Foi quando começou a criar tudo com um pedacinho dele mesmo – “ou será ‘dela mesma?’”, pergunta-se Rubem Alves (2023, p. 14). De tal modo que Deus se pôs nas coisas e nos seres mais belos do mundo (com destaque para os pássaros), ou seja, tudo passou a existir com um pedacinho de Deus em si.

Não há por que contarmos o final da parábola, pois o que nos interessa já foi dito: Deus tem espírito brincalhão, e Rubem Alves é um bufão. Aliás, nem sequer fizemos a genealogia do uso do conceito bufão por Rubem Alves – algo recorrente em sua obra –, entretanto, parece-nos ajuizado afirmar que se trata de uma categoria que ele empresta de Leszek Kolakowski (1970), no ensaio “O sacerdote e o bufão”. Segundo Kolakowski (1970, p. 313), no campo da filosofia – e também no de outros saberes, acrescentamos nós –, a tarefa do bufão é desmascarar como duvidoso, em cada época, “aquilo que se considera como o mais sólido” e descobrir contradições “precisamente naquilo que aparece como evidente e indiscutível”; por conseguinte, arremata o autor, a filosofia do bufão sempre corre o risco “de que se riam dela”.

A teologia do bufão, por sua vez, também corre sempre o risco de que se riam dela. É Rubem Alves (1989, p. 164) quem pergunta: “Você entende agora por que dissemos que o teólogo é bufão?”. A referência a Kolakowski é explícita, pois Rubem Alves (1989, p. 163) assume, dando crédito a quem de direito, o resgate da imagem de que há em toda sociedade “dois tipos de atores. De um lado, os sacerdotes. Do outro, os bufões”. Não por acaso, trata-se de uma argumentação que compõe o capítulo “Na companhia dos bufões...”, no livro *Variações sobre a vida e a morte: o feitiço erótico-herético da teologia*.

Na forma de considerações intermediárias, resgatamos a tese alvesiana de que há estilos diferentes de construção de mundos pela linguagem. Por exemplo, o estilo dos bufões e das crianças “carrega consigo o riso que desnuda os ídolos, e o brinquedo que cresce com o prazer” (Alves, 1989, p. 164). Aplicadas as mesmas ideias à teologia, concluímos com Alves (1989, p. 154) que ela não se encontra “no que se diz, mas, no como se diz”. Portanto, estamos diante de uma teologia do riso – o riso dos palhaços é o zombeteiro, ao passo que as crianças riem com próprio corpo. O teólogo bufão ri de si mesmo e dos outros, não é, portanto, como o sacerdote, pesado e sisudo – sério demais para levar compreender o humor como crítica religião e da consciência social estabelecidas. “Quem sabe o segredo do nome sagrado, nome que não pode ser pronunciado, o nome de Deus, sabe que tudo o mais não pode ser sagrado. Tudo o mais é dádiva, graça, brinquedo...” (Alves, 1989, p. 164).

A seu modo, no livro *O riso redentor: a dimensão cômica da experiência humana*, Peter L. Berger (2017) desenvolve ideias semelhantes às que encontramos em Rubem Alves. O humor, afirma Peter Berger (2017, p. 11), é universal: “não existe cultura humana sem ele.

Ele pode seguramente ser visto como um elemento imprescindível da humanidade”. Na Parte III do livro, intitulada “Para uma teologia do cômico”, Peter Berger chega a uma conclusão que muito nos interessa: no mundo de ponta-cabeça ou invertido, a loucura sagrada – que é outra forma de dizer o cômico – revela-se, dentre outras possibilidades, nas crianças e também nos palhaços, pois sua simplicidade e santidade são mais sábias do que a sabedoria mundana.

Estabelecidos alguns dos fundamentos teórico-teológicos deste artigo, podemos nos aproximar da arte da cartunista Laerte Coutinho. Entretanto, antes de chegarmos propriamente ao *Deus segundo Laerte*, vamos nos apropriar de uma mediação (ou transição) entre o humano e o divino: os palhaços ou bufões (a temática das crianças temos de deixar para outro momento, tamanha sua densidade e extensão). Em *A noite dos Palhaços Mudos*, os protagonistas da estória (os próprios Palhaços) invadem a mansão em que os poderosos de plantão – homens adultos, sisudos e engravatados – estão reunidos para tramar o extermínio dos Palhaços – sem eles, a vida fica mais fácil de ser mantida. Importa nos atentarmos à fala de um dos líderes do movimento: “[Os Palhaços Mudos...] Estes seres ignóbeis, com sua obstinada e teimosa mudez, ameaçam as bases da nossa sociedade, nossa religião e nossas famílias!” (Laerte, 2023, p. 11). Os Palhaços Mudos criticam a ordem vigente, de modo que os conservadores não medem esforços para os destruir. Uma teologia bem humorada é aquela que faz brotar vida e paz de instrumentos próprios para a guerra e morte.

2.2 As divinas tirinhas de Laerte Coutinho

As tirinhas de Laerte, tendo Deus como personagem protagonista, são originalmente de publicações periódicas (jornais) e, em decorrência disso, não temos como explicitar, por ora, as datas específicas em que cada uma apareceu pela primeira vez. De todo modo, com já esclarecemos, temos acesso às que foram reunidas em três livros publicados pela Editora Olho d’Água: *Deus segundo Laerte* (2000); *Deus 2: a graça continua* (2002); e *Deus 3: a missão* (2003).

Ao nos explicar “Por que Deus” – como tema de suas tirinhas –, Laerte (2000, p. 59) registra as seguintes memórias:

Sempre achei legal esse negócio de representar Deus como um homem, um senhor velho de barbas brancas. Não são todas as religiões que se dão essa liberdade, embora falar em “liberdade” nesse campo seria mais condizente com representá-lo sem barba, como mulher, negro ou coreano.

Na sequência dos argumentos, Laerte nos apresenta um desfecho complexo: “O que quero dizer é que a identidade (visual etc.) do divino com o humano sobreviveu à minha fase ateia, que dura mais ou menos até hoje, com algumas frestas em que faço as minhas devoções, principalmente a Santa Edwiges” (Laerte, 2000, p. 59)¹¹.

Em nossa opinião, seja na fase ateia seja na fase devota da artista, as tirinhas de Laerte podem ser consideradas um exemplo típico de teologia feita por alguém que desenha bigodes no rosto dos governantes, quaisquer que sejam eles. Encontramos nelas uma teologia que critica a religião (institucionalizada) mantenedora da ordem vigente e que oferece, em seu lugar, uma espiritualidade da compaixão – enfim, trata-se do que estamos a chamar de

¹¹ Nunca será demais dizer que a santa da devoção de Laerte é a padroeira das pessoas pobres e das endividadas.

teologia bufônica. Vamos dialogar, a seguir, com as duas últimas tirinhas do livro *Deus segundo Laerte*.



Fonte: Laerte, 2000, p. 57.

Deus é buscado por um homem no lugar mais alto que ele consegue alcançar, de um ponto de vista simbólico e, ao mesmo tempo, concreto: a soma de uma escada com outras poderia ser ou o cume de um monte, ou a torre de uma catedral, ou o alto do Cristo Redentor, enfim, tudo como se fosse uma espécie de atualização do mito da Torre de Babel. Todavia, Deus está com os pés na terra, ao rés do chão. Algo, aparentemente, inimaginável para quem o busca.

Já se passaram cerca de 60 anos desde a promulgação do documento do Concílio Vaticano II – *Constituição Dogmática Dei Verbum* – sobre a revelação divina (Paulo VI, 1965), que, num esforço de volta às fontes, orienta os cristãos a uma concepção de revelação que seja expressão de uma espiritualidade encarnada na vida, em contraposição a uma imagem de Deus que corresponda à expectativa de um poder que atue no mundo de forma mágica e aleatória. “A revelação em seu significado mais radical”, afirma Andrés Torres Queiruga (1995, p. 100), “vem a ser a tomada de consciência da presença do divino no indivíduo, na sociedade e no mundo”.

Assim, a revelação aparece referida à vida, ela toca as angústias e as esperanças mais profundas do ser humano. Laerte, mesmo sem a preocupação com a instituição religiosa (sua reflexão teológica e seu ensinamento magisterial), compartilha de uma imagem de Deus que é crítica da noção tradicional de revelação, ou seja, apresentada como um conjunto de verdades “caída do céu sobre o teto da humanidade” (Queiruga, 2001, p. 21). Como se fossem verdades que devem ser aceitas no sentido de um depósito imutável, sem que sejam condicionadas a interesses, necessidades e condições históricas. A consequência dessa noção é, na maioria dos casos, o fundamentalismo ou o positivismo bíblico.

A tira acima reflete uma operação interessante: Deus é representado de uma maneira tradicional, como um senhor velho de barbas brancas, com uma auréola em forma de triângulo espalhando raios de luz, triângulo com um olho em seu interior. O *olho que tudo vê* tem como referência um versículo bíblico (1 Pd 3,12), no qual Deus é apresentado como o olho que observa os justos e os injustos. Representa a vigilância de Deus sobre a humanidade. É sinal de autoridade que exerce vigilância onisciente e onipresente.

Ainda assim, mesmo representado de forma tradicional, o Deus de Laerte nos faz rir de nosso esforço de o buscar no alto, enquanto, na verdade, ele se encontra cá embaixo, dentre nós. Crítica bem-humorada à imagem de um Deus distante e controlador, do qual se

esperam intervenções espetaculares. A imagem de Deus que nos oferece Laerte, definitivamente, não é a de um ser Todo-poderoso.

A tira a seguir, por sua vez, reflete uma imagem inusitada de Deus, uma vez que saiu da pena de uma cartunista conhecida pelo seu bom humor. Mas não é engraçada, é comovente.



Fonte: Laerte, 2000, p. 58.

É de uma incrível sensibilidade, pois a tirinha sintetiza o questionamento humano sobre a imagem de Deus diante do problema do mal. Se Deus é bom e poderoso, por que não nos livra do mal? Se não podemos contar com sua mão poderosa e braço forte, com o que podemos contar? Em quadrinhos, Laerte resume um dilema – ou um *fantasma*, segundo Queiruga (2001). A resposta à inevitabilidade do mal, que tem sua raiz na finitude do mundo físico e na liberdade humana, é dada no final da tira. Somos surpreendidos com um desfecho profundo, dificilmente traduzível em palavras: Deus, solidário ao sofrimento humano, oferece seu ombro. Não há intervenção espetacular, o milagre é a percepção da presença amorosa de Deus nos momentos de maior desamparo.

No quadrinho derradeiro, uma mulher – o humano que somos todos nós, e que enfrentamos as contradições da vida – é acolhida por Deus num abraço paternal – e materno. Trata-se de uma resposta que corresponde à sensibilidade contemporânea que pede respeito à “autonomia criatural em suas diversas ordens, onde nem Deus nem o demônio interferem como ‘tapa-buracos’, seja para ajudar, seja para perverter” (Queiruga, 2001, p. 251). O ser humano é colocado em face de si mesmo – com todos seus limites e potencialidades.

Depois de brincar com a onisciência e onipresença divina, num trabalho de desconstrução crítica, Laerte nos oferece a imagem de um Deus compassivo, que corresponde a uma revisão na compreensão de revelação. Com base em uma nova hermenêutica, afirma que a atuação de Deus deve ser vista como uma luta amorosa e incansável por se manifestar, procurando superar “com paciência incansável os limites de nossa inteligência ou de nossa situação cultural, vencendo as resistências de nossa vontade ou as distorções de nosso egoísmo” (Queiruga, 2001, p. 252).

Segundo Queiruga, Deus é o antimal, aquele que se coloca ao nosso lado como companheiro e amigo no sofrimento, apoiando-nos na luta contra as dificuldades físicas e morais, próprias de nossa condição criatural. É Deus quem se entrega por inteiro a favor de sua criatura, com amor incondicional, “incentivando-a, potencializando-a e atraindo-a para o bem” (Queiruga, 2001, p. 254), mas respeitando o que é possível em sua história, bem como sua livre decisão.

3. A graça continua ou o riso como crítica da religião¹²

Dando continuidade à nossa análise, recolhemos neste tópico quatro tiras do segundo volume da série. Ainda por aproximação teopoética, pretendemos demonstrar que o humor crítico da cartunista é também revelador da graça (em mais de um sentido), e que a teologia (em diálogo com as ciências da religião), conforme já nos expressamos, sem deixar de ser uma forma de conhecimento, é sabedoria que também se expressa em poesia e arte, e que se abre para o humor, o riso, a alegria.

3.1 Uma aproximação às relações entre teologia e humor

No espírito da teologia de Rubem Alves (1989, p. 155), a zombaria do(s) palhaço(s) é de um tipo que “desenha bigodes no rosto solene de presidentes e usa botas de guerra como vasos de flores, proclamando que as coisas podem ser diferentes...”. No capítulo “O Cristo arlequim” do livro *A festa dos foliões*, Harvey Cox (1974, p. 146) ajuda-nos a radicalizar o argumento da importância do bufão – e, conseqüentemente, do humor – para subverter a ordem vigente:

[...] há na própria imagem bíblica de Cristo elementos que podem facilmente sugerir símbolos de palhaço. Como o jogral, desafia Cristo os costumes e faz pouco caso de fronte coroadas. Como o trovador ambulante, não tem onde reclinar a cabeça. Como o palhaço no picadeiro, satiriza a autoridade existente, entrando em lombo de burro na cidade regurgitante de régia comitiva, mas sem dispor de nenhum poder terreno. Como o menestrel, frequenta banquetes e reuniões sociais. E termina sendo embrulhado por seus inimigos, numa ludibriante caricatura de pompas régias. Pregam-no na cruz, entre risadas e galhofas, ostentando, sobre sua cabeça, um cartaz berrante de sua pretensão ridícula.

De acordo com nossos fundamentos teórico-teológicos, estabelecidos anteriormente, a respeito do cômico na religião e de seu poder de transformação social, podemos apresentar, na sequência, mais algumas de nossas interpretações de tirinhas de Laerte selecionadas para este artigo.

3.2 A contribuição do humor para uma nova imagem de Deus

“Dize-me como é teu Deus, e dir-te-ei como é tua visão do mundo; dize-me como é tua visão do mundo, e dir-te-ei como é teu Deus” (Queiruga, 1998, p. 11). Se Harvey Cox nos permite compreender o que há de arlequim no Cristo – o Deus que se encarnou –, Laerte transpõe dinâmica semelhante, na qual enxergamos a teologia da artista (ainda que ela mesma não se declare religiosa), para a pessoa do próprio Deus. Ao *ver* e *ouvir* (ou *ler*) o Deus de Laerte, é possível captar nossa própria visão de mundo e nossa própria visão de Deus.

A personagem Deus de Laerte nos faz rir da imagem que construímos de Deus, desvela nossa busca de um Deus criado à semelhança de nossas expectativas, isto é, um Deus Todo-poderoso – e, ao mesmo tempo (e paradoxalmente), controlável –, que intervém no mundo para oferecer explicações e resolver nossos problemas. O Deus de Laerte é o criador que escuta a sugestão da samambaia sobre o nascer e o pôr do sol, e ironiza a maneira humana

¹² Modificada para este artigo, esta seção foi primeiramente apresentada no 9º Congresso da ANPTECRE, em Campinas, em setembro de 2023 – e, depois, publicada nos anais daquele evento (Campos; Mariani, 2023a).

de atribuir os fenômenos da natureza ao divino poder de intervenção: “Ainda bem que meu cargo não é eletivo”, Deus se autoconsola (Laerte, 2002, p. 49).



Fonte: Laerte, 2002, p. 7.

Segundo o paradigma moderno, Deus não é mais necessário como hipótese explicativa da realidade, afirma Andrés Torres Queiruga (1998)¹³, pois a modernidade demanda uma imagem de Deus não intervencionista e delicadamente respeitosa quanto à autonomia do mundo, isto é, estamos a exigir a superação do pressuposto de uma onipotência (divina) abstrata e arbitrária.



Fonte: Laerte, 2002, p. 49.

A imagem de Deus discutida nas tiras acima tratam da secular reflexão entre a onipotência divina (predestinação) e a liberdade humana (livre arbítrio), que se aprofundou na modernidade. Das várias tentativas de solução para esta questão, Edward Schillebeeckx (1994) propõe considerarmos o caráter indefeso de Deus, que se desarma quando confere liberdade a sua criação e que faz do humano seu parceiro de aliança.

A liberdade, um dos valores mais apreciados pela modernidade, faz exigências, supõe esforço. A necessidade de decidir é trabalhosa. A liberdade de viver sem Deus é da ordem do insuportável. Às vezes, brinca Laerte (2002, p. 10), o humano preferiria “um Deus mais tirânico”:

¹³ Aqui, em nosso artigo, Deus ainda está por morrer.



Fonte: Laerte, 2002, p. 10.

Deus se faz vulnerável, continua Schillebeeckx (1994, p. 123), quando cria o humano com vontade própria, Deus “cede poder livremente. Ele se torna por isso de certa forma ‘dependente’ do homem e, sendo assim, vulnerável”. Concedendo poder à liberdade humana, Deus, entretanto, não deixa de ser presença salvífica junto à criação. A energia criadora de Deus “evidencia-se como energia de amor que convida, outorga vida e liberta os homens, pelo menos aos que se abrem à sua oferta” (Schillebeeckx, 1994, p. 123). Deus está entre nós, atuando onde menos se espera, ironiza Laerte (2002, p. 27): “Ei, só estou ajudando a empurrar carro alegórico! Tratem é de rebolar!!”.



Fonte: Laerte, 2002, p. 27.

A carnavalização da vida é uma das formas mais divinas da presença de Deus no meio dos seres por ele criados. Atualmente, podemos encontrar em vários enredos carnavalescos interessantes discursos sobre o papel da religião na cultura e sua contribuição social.

4. Religião e humor em tempos sombrios

Chegamos à última estação deste artigo, mas não ao final do nosso projeto de compreender, mesmo que em parte e de modo provisório, as tiras de Laerte dedicadas a Deus. Há muita trilha ainda a ser caminhada. Nesta seção, chegou a vez de nossa atenção se voltar ao terceiro volume da trilogia (*Deus 3: a missão*), no qual o próprio Deus é convocado a ir à guerra.



Fonte: Laerte, 2003, p. 6.

Na apresentação que Índigo (2003, p. 3) faz da obra – “As melhores revelações” (talvez não pudesse haver título mais apropriado) –, podemos ler o que segue:

[Esse Deus de Laerte] é também um Deus que convive bem com a estupidez humana. Em aventuras anteriores, ele provou sua magnitude no trato com beatas e ateus. Em Deus 3, ele retorna melhor do que nunca e mostra toda sua versatilidade.

Para começar, Deus é convocado para a guerra. Enfrenta o inimigo invisível e passa pelo inferno das trincheiras. Acaba morrendo. Ele nunca foi bom soldado. Com sua morte, o Diabo assume o controle do mundo. Aí entramos numa sequência de tiras sublimes, onde o Diabo reina sozinho e mostra que no trato com seres humanos ele se sai tão bem quanto Deus.

4.1 Onde Deus está em tempos sombrios

A pergunta que se impõe é se há diferença entre um mundo sob controle de Deus e outro dominado pelo Diabo. De fato, o culto ao “fator Deus”, que nada mais é do que a imagem e a ação de um Deus de onipotência arbitrária, tem justificado a violência, como denunciou Saramago (2001). Com uma tira antiga de Laerte (2002, p. 61), sem necessidade de muitas explicações ou mediações, introduzimos, por ora, nossa reflexão nesta seção.



Fonte: Laerte, 2002, p. 61¹⁴.

O que estamos discutindo, aqui, tem como referência o universo imagético do cristianismo. A experiência cristã de Deus, destaca Bingemer (2013), caracteriza-se por duas palavras-chave: encarnação e vulnerabilidade. O amor de Deus revelado em Jesus e por ele, centro da espiritualidade cristã, é surpreendente. Não é amor que do céu cumula o humano

¹⁴ Em tempo: como se lê em letras miúdas entre parênteses, essa tira foi publicada, originalmente, no contexto do 11 de setembro de 2001.

de bens em troca de louvores e sacrifícios – não estamos a tratar de um Deus da retribuição –, mas é amor que veio habitar este mundo – estamos a tratar do Deus que se fez carne, e “armou sua tenda entre nós” (Jo 1, 14). Falamos de um amor que não é tão somente sentimento e afeto, mas que se traduz em prática concreta: “a prática da justiça e do direito para com todos, em especial em relação àqueles e àquelas mais desprovidos de força, de voz, de prerrogativas: o órfão, o pobre, a viúva, o estrangeiro” (Bingemer, 2013, p. 284).

O mistério da encarnação assumido na fé pelos seguidores de Jesus foi causa de muito estranhamento. Que Jesus fosse reconhecido como filho de Deus já era considerado uma blasfêmia; mas que o Filho de Deus tivesse nascido na periferia (em Nazaré, de onde não poderia vir nada de bom), convivido com os marginalizados e morrido em uma cruz, tudo isso era inacreditável e inaceitável.

Diferentemente da terna imagem do bebê na manjedoura do presépio criado por São Francisco para o Natal de 1223¹⁵, o Mistério da Encarnação causa, em princípio, asco. Sobre o impacto do Filho de Deus que se fez carne, voltamos a Cappelli (2024, p. 53) – no poema “Estátua de Cristo num açougue”:

No talho
o verbo de novo
se fez carne
rasto, visco
e asco

no poema
de um corte dissonante
que respinga sangue
a carne se faz palavra

Em polêmica contra os gnósticos, Tertuliano enfatiza com crueza a encarnação de Jesus por amor ao humano:

esse coágulo formado no útero entre as imundícies, esse homem vindo ao mundo pelos órgãos vergonhosos, esse homem alimentado com carícias irrisórias. Foi para ele que ele desceu, para ele que pregou, por ele que, com toda humildade, se rebaixou até a morte na cruz. Foi aparentemente que ele amou aquele que resgatou por tão alto preço (Tertuliano *apud* Bourgeois; Sesboüé; Tihon, 2005, p. 478).

Em sua missão de redenção, Deus, em Jesus, desce às profundezas da condição humana. Em *Deus 3: a missão*, Deus vai à guerra, que é algo próximo do inferno – criado e promovido pelos humanos. Para Deus, segundo Laerte, “A guerra é uma merda!”:

¹⁵ Nas fontes franciscanas, no livro *Primeira Vida de São Francisco*, de Fr. Tomás de Celano, temos a descrição do presépio preparado por São Francisco para a celebração do Natal na aldeia de Greccio, no século XIII. Ternura e alegria são as marcas que a celebração deixou no imaginário religioso cristão. Chamando um homem a quem amava com especial afeição, São Francisco teria pedido que trouxesse o feno, o boi e o burro, pois queria “ver de algum modo com olhos corporais os apuros e necessidades dele, como foi reclinado no presépio (cf. Lc 2,7) e como, estando presentes o boi e o burro, foi colocado sobre o feno” (1Cel 84). Quando chegou o dia, uma grande alegria tomou conta dos homens e mulheres da aldeia. Greccio se fez como uma Nova Belém (Fontes franciscanas..., 2023).



Fonte: Laerte, 2003, p. 5.

Em seu auxílio ao ser humano, além de empurrar carro alegórico de escola de samba, Deus vai também à guerra – trata-se, digamos, de uma tarefa mais trágica e menos humorada do que o Carnaval, por exemplo, e que nos atinge a todos, direta ou indiretamente.

4.2 Deus sempre está ao lado dos que mais precisam

Com humor, Laerte nos mostra o absurdo da guerra. Deus é um soldado inadequado, ele transforma armas em brinquedo, catedrais (quebra-cabeças) em 3 dimensões. Seu castigo? Descascar batatas para todo o exército.



Fonte: Laerte, 2003, p. 8.

Para Johann Baptist Metz (2013), a espiritualidade cristã, como “mística de olhos abertos”, tem em seu centro a prática da compaixão. Em nossos tempos, que portam uma nova sensibilidade histórica, bem como uma nova forma de aproximação da Bíblia, captamos com mais clareza que o olhar messiânico não tem como foco o pecado dos outros, mas seu sofrimentos.

A compaixão nos converte e promove o descentramento. A percepção participativa do sofrimento do outro, no Espírito de Jesus, deve nos retirar de nossos próprios interesses e suscitar uma força de oposição – que nos capacite para a interrupção dos contextos terrenos de violência. Metz (2013) também inclui nessa experiência espiritual o *escândalo do amor ao inimigo*, que implica na eliminação da base de ódio e violência da vida política – e não pode corresponder ao apelo do ódio ao inimigo.



Fonte: Laerte, 2003, p. 10.

O Deus entrincheirado de uma lado da batalha é idêntico ao que está do outro lado, embora seus povos se odeiem, porque o Deus do outro é ridículo – e, em consequência, são horríveis o país, o povo, a comida e outras coisas mais submetidas àquela divindade ridícula (embora reflexo idêntico à imagem da outra).

Num sentido corretamente interpretado, a espiritualidade cristã é uma espiritualidade basicamente política, e a mística cristã é uma mística política, não mística do poder político e da dominação política, mas, antes de tudo, simplesmente e basicamente uma mística de olhos abertos. Jesus nos ensinou uma espécie de mística da percepção, em que se poderia enxergar mais (de forma oportuna e inoportuna) tornando visíveis os sofredores invisíveis e encorajando a prática da compaixão como uma mística da justiça de Deus (Metz, 2013, p. 85).

A *mística de olhos abertos* é, portanto, inspirada na justiça de Deus, que desce de seu trono e se coloca ao lado do sofredor para salvar o mundo pelo poder da compaixão, solidariedade e comunhão. Pelo fato de colocar no centro a *autoridade das vítimas* e o *escândalo do amor ao inimigo*, tem um sentido universal e, por isso, abre espaço para a experiência viva de Deus no mundo contemporâneo, marcado num primeiro momento pelo processo de secularização e pela emergência do ateísmo crítico da religião, e posterior secularização e erupção de uma diversidade de ofertas de vivências religiosas.

A política da guerra é sempre necropolítica, e todos os envolvidos em batalhas estão sujeitos à morte – Deus, incluído.



Fonte: Laerte, 2003, p. 12.

E, se Deus morreu, tudo é permitido. Inaugura-se o império do Diabo.



Fonte: Laerte, 2003, p. 13.

Mais do que a liberdade de poder juntar cerveja com ovo, o mundo posterior à morte de Deus, de um lado, é o dos fundamentalismos e fanatismos, e, de outro, é o da adoração ao divino mercado (Dufour, 2014, p. 16-17). Na guerra que é o mundo contemporâneo, há os que matam por vingança pela morte de Deus e há os que instituem a teologia da prosperidade, como possibilidade de lucro pela morte de Deus.

Brincar com a imagem de Deus é sempre coisa séria. A imagem que fazemos de Deus não só revela nossa imagem de mundo, mas justifica e orienta nossas ações no mundo. A imagem de Deus tem sido – a história nos mostra – caso de vida ou de morte, de paz ou de guerra.

Considerações finais

(1) Com menções ao Papa Francisco, iniciamos nosso artigo, e queremos encerrá-lo também em diálogo com Francisco e seu legado. Na conversa de Francisco com Thomas Leoncini – cujo resultado foi o livro *Deus é jovem* –, o Papa retoma a “Oração do bom humor”, de São Tomás Morus, em resposta a indagação de seu entrevistador: “*Gostaria de concluir perguntando quais são as características que nunca devem faltar em um jovem...*” (Francisco, 2018a, p. 154). Respondeu o Sumo Pontífice: dá-me, Senhor, bom humor – e outras coisas mais.

(2) Em sua autobiografia, em perspectiva de um novo humanismo, o Papa Francisco registrou uma interessante opinião a respeito da humanidade:

São poucos os outros seres vivos que sabem rir: fomos feitos à imagem de Deus, e nosso Deus sorri. É preciso fazer como Ele. Podemos fazer isso até em relação a Ele, com o mesmo afeto que se tem pelos pais e, portanto, da maneira como brincamos e nos divertimos com as pessoas que amamos (Francisco, 2025, p. 320-321).

(3) Portanto, porque somos seres humanos, e porque temos afeto por Deus e por ele somos afetados, valorizamos o bom humor – e até a respeito de Deus podemos rir e fazer rir. A teologia bufônica é a crítica de tudo o que perverte o amor de Deus pela criação, e de tudo aquilo que gera a guerra. Não por acaso, encontramos em Laerte a fundação e a fundamentação primárias de nossa argumentação.

(4) Com base na imagem de Deus que nos oferece o ombro na hora do sofrimento e desce das alturas para estar conosco, encontramos uma espiritualidade da compaixão. Uma experiência da presença divina nos momentos de maior abandono. Isso significa colocar a esperança no poder do amor que transforma e confere sentido à vida, contando com as

possibilidades que ela oferece, e não no amor a um poder que, de fora, venha intervir na realidade para a conduzir, desrespeitando sua dinâmica própria.

(5) A força que vence o mal, reflete Rubem Alves (1989), vem da crença no poder superior da bondade, da mansidão e da solidariedade. Da crença no poder da pobreza e da comunhão com a natureza (como a fé de São Francisco); da crença no poder inesgotável da vida, do amor, da beleza (como a fé de Albert Schweitzer). A fé no poder do amor é também a do poeta e a do educador, que creem na força da palavra e do olhar. No mesmo sentido, lembra Rubem Alves (1989), encontra-se o testemunho de Dietrich Bonhoeffer a partir de sua experiência de encarceramento em um campo de concentração nazista. Deus pode se apresentar fraco e indefeso no mundo, mas, ainda assim, é por ele chamado por seu nome sagrado: Deus.

(6) É no bojo dessa vivência, conclui Rubem Alves (1989), que se manifesta a experiência do sentido, sentimento característico dos encontros com o sagrado. Experiência que nos ocorre de forma inesperada e que promove a intensificação da vontade de viver e também a coragem para morrer, se necessário, por aquilo que dá sentido à vida. Assim, a alma religiosa se descobre reconciliada com o universo porque “crê que o poder infinitamente amável e o amor infinitamente poderoso do seu Deus farão com que seus valores triunfem, a despeito de tudo...” (Alves, 1982, p. 60).

(7) Com São Tomás Morus e com o Papa Francisco, rezamos: *que o Senhor nos conceda o senso de humor, e a graça de compreender uma brincadeira – para descobrirmos na vida um pouco de alegria e para que a levemos aos outros também. Amém!*

Referências

- ALVES, Rubem. **O poeta, o guerreiro, o profeta**. Petrópolis: Vozes, 1991/1992.
- ALVES, Rubem. Os pássaros e os urubus: uma parábola herética de um bufão sobre a intolerância religiosa. In: ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. Juiz de Fora: Siano, 2023. p. 13-16.
- ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte: o feitiço erótico-herético da teologia**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BERGER, Peter L. **O riso redentor: a dimensão cômica da experiência humana**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BINGEMER. **O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- BOURGEOIS, Henri; SESBOÜÉ, Bernard; TIHON, Paul. **História dos Dogmas, Tomo 3. Os sinais da salvação**. São Paulo: Loyola, 2005.
- CAMPOS, Breno Martins; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. *A graça continua: o riso como crítica da religião em “Deus segundo Laerte”*. **Anais do IX Congresso da ANPTECRE**. Campinas: PUC-Campinas, 2023a. p. 605-611.

CAMPOS, Breno Martins; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. Crítica da religião e espiritualidade da compaixão em *Deus segundo Laerte*. **Anais do 35º Congresso da SOTER**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2023b. p. 318-325.

CAMPOS, Breno Martins; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. Peter Berger e Rubem Alves: religião como construção social entre a manutenção do mundo e a libertação. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 36, p. 3-20, jan.-abr. 2015. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2396>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CAPES. **Documento de área – Área 44: Ciências da Religião e Teologia**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CAPPELLI, Marcio. **A teologia ficcional de José Saramago: aproximações entre romance e reflexão teológica**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019.

CAPPELLI, Marcio. **O tempo dentro das vozes**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2025.

CASTRO, Ruy. O bom humor de Francisco: enxergar o ridículo permite distinguir o grave, o não ridículo, como o de Milei, Trump e Bolsonaro. **Folha de S. Paulo**, 23 abr. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2025/04/o-bom-humor-de-francisco.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2025.

COX, Harvey. **A festa dos foliões: um ensaio teológico sobre festividade e fantasia**. Petrópolis: Vozes, 1974.

DUFOUR, Dany-Robert. Capitalismo, religião e espetáculo. In: MOREIRA, Alberto da Silva; LEMOS, Carolina Teles; QUADROS, Eduardo Gusmão de (Org.). **A religião entre o espetáculo e a intimidade**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2014. p. 11-27.

EM ENCONTRO com humoristas, papa diz que fazer piada com Deus não é blasfêmia: entre os artistas que visitaram o pontífice estavam Jimmy Fallon, Whoopi Goldberg e o brasileiro Fabio Porchat. **Folha de S. Paulo**, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/06/papa-francisco-faz-piada-ao-receber-humoristas-de-variados-paises-no-vaticano.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2025.

FONTES franciscanas e clarianas. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

FRANCISCO. **Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini**. São Paulo: Planeta, 2018a.

FRANCISCO. **Esperança: a autobiografia**, com Carlo Musso. São Paulo: Fontanar, 2025.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate**: sobre a chamada à santidade no mundo atual. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 19 mar. 2018b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html. Acesso em: 24 abr. 2025.

FREI BETTO. Brincando nos campos do Senhor. In: LAERTE. **Deus segundo Laerte**. São Paulo: Olho d'Água, 2000. p. 5.

- ÍNDIGO. In: LAERTE. **Deus 3: a missão**. São Paulo: Olhad'Ágia, 2003. p. 3.
- KOŁAKOVSKI, Leszek. **El hombre sin alternativa**. Madrid: Alianza Editorial, 1970.
- LAERTE. **A noite dos Palhaços Mudos**. São Paulo: Conrad, 2023.
- LAERTE. **Deus 2: a graça continua**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.
- LAERTE. **Deus 3: a missão**. São Paulo: Olhad'Ágia, 2003.
- LAERTE. **Deus segundo Laerte**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- LAERTE. **Manual do Minotauro**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2021.
- METZ, Johan Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.
- PAULO VI. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***: sobre a Revelação Divina. Roma, 18 nov. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 3 maio 2025.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. **A revelação de Deus na realização humana**. São Paulo: Paulus, 1995.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. **Do terror de Isaac ao Abba de Jesus: por uma nova imagem de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. **Um Deus para hoje**. São Paulo: Paulus, 1998.
- SARAMAGO, José. O fator Deus. **Folha de S. Paulo**, 19 set. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29519.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- SCHILLEBEECKX, Edward. **História humana: revelação de Deus**. São Paulo: Paulus, 1994.

Recebido em 19/05/2025
Aceito em 20/07/2025